


Lucas Rodrigues de Oliveira
(Organizador)



EDUCAÇÃO
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS
Volume II



Pantanal Editora

2020

Lucas Rodrigues de Oliveira
(Organizador)

EDUCAÇÃO
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS
VOLUME II



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI

- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profª. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [recurso eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume II / Organizador Lucas Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 91p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-991208-5-5 DOI https://doi.org/10.46420/9786599120855 1. Educação. 2. Políticas educacionais. 3. Planejamento educacional. I. Oliveira, Lucas Rodrigues de. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Essa obra tem o objetivo de contribuir para a democratização do ensino no Brasil, pois, por mais que avanços nesse sentido já sejam notados, ainda é visível o abismo que separa uma parte dos estudantes brasileiros de outra parte menos privilegiada. Em tempos de pandemia, esse abismo é ainda mais palpável: enquanto há alunos que podem participar de aulas remotas, por meio de plataformas bem estruturadas e direcionadas, há alunos em cima de árvores procurando sinal de internet para conseguirem assistir às aulas.

Esse segundo volume do livro “Educação: Dilemas Contemporâneos”, que prossegue com seus objetivos de reflexão sobre a educação, acolhe ainda mais discussões relativas às situações que envolvem os processos educativos, em especial aos que acontecem no ambiente escolar. Assim, focalizam-se, em primeiro lugar, as figuras dos alunos e dos professores.

No primeiro capítulo, será discutida a atuação do professor na Educação Infantil, etapa crucial para a formação do indivíduo. Nesse mesmo sentido, ainda na primeira etapa da educação básica, há um capítulo destinado à análise e reflexão sobre a figura da criança na Educação Infantil, a fim de se perceber como ela é concebida pelos agentes educativos.

Mais adiante, há um capítulo que trata da questão da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Brasil. Além de se debater questões relativas à essa modalidade de ensino, discute-se também a relevância da Educação Ambiental.

Os últimos capítulos, não menos importantes, tratam do discurso filosófico (em especial o discurso que estabelece o elo entre aluno e professor) no ambiente escolar e da Maiêutica socrática como metodologia de ensino.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO

Apresentação	5
Capítulo I	6
Educação infantil: possibilidades e desafios na atuação docente na Pré-escola I da rede pública municipal de Cascavel PR	6
Capítulo II	24
Educação ambiental na modalidade da educação de jovens e adultos: um estudo das práticas adotadas em escolas de nível fundamental e médio em Cajazeiras–PB.....	24
Capítulo III	38
Invisibilidade de crianças na instituição escolar de educação infantil	38
Capítulo IV	53
Discurso filosófico em sala de aula: Entre o Logos, o Ethos e o Pathos.....	53
Capítulo V	62
Maiêutica socrática como metodologia de ensino: A imprescindibilidade da linguagem, da vontade e das representações simbólicas.....	62
Capítulo VI	73
Percepção acadêmica sobre o estágio supervisionado no curso de formação de professores em Educação Física.....	73
Índice Remissivo	91

Discurso filosófico em sala de aula: Entre o Logos, o Ethos e o Pathos

Recebido em: 03/07/2020

Aceito em: 07/07/2020

 10.46420/9786599120855cap4

Josegley Andrade de Lucena^{1*} 

INTRODUÇÃO

No Ensino Médio, se considerarmos o conhecimento como fruto das interações ocorridas entre o sujeito e o objeto no contexto de uma sala de aula, o professor oportuniza o acesso às informações para que os estudantes, em conjunto, se apropriem do conhecimento, de maneira que o compartilham no ambiente de aprendizagem. Isso nos lembra a célebre frase do filósofo Aristóteles (1999): “O homem é por natureza um animal político”.

Baseado no pensamento aristotélico, o ensino se fundamenta com a prática das virtudes tanto no processo de ensino aprendizagem como também na própria prática social como um todo. Assim, o conhecimento precede a informação, ou seja, o conhecimento é formado por estruturas que sustentam o pensamento criador fazendo com que o indivíduo adquira a faculdade do juízo. Esse procedimento pode ser mais aguçado a partir do diálogo entre professor e aluno, uma vez que essa prática educativa traz consigo o processo pelo qual se origina o próprio conhecimento. Mais além disso, a educação também propicia a ação daquele conhecimento adquirido para colocá-lo em prática diante das situações da vida e utilizá-las mediante o serviço da sabedoria. Por isso, o fundamento do ensino como prática social seria a sua utilização objetiva na vida humana, tendo em vista que a educação propiciaria o desenvolvimento dos valores éticos inerentes à sociedade e as relações humanas de um modo geral.

Diante desse contexto em que professor e aluno se interconectam numa rede de conhecimentos, dispomos aqui de uma ligação direta entre os dois através do discurso. O que vemos na ação de discursar é um processo interacional entre indivíduos que compartilham saberes social e historicamente. É na sala de aula onde o professor interage com os alunos e com esse procedimento pode propiciar o alcance

¹ Mestrado Profissional em Filosofia (PROFILO), Núcleo Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Av. Aprígio Veloso, 882, Sala 409, Bloco BA – Hall das Placas, Bairro Universitário, CEP: 58429-900 - Campina Grande, Paraíba, Brasil.

* Autor correspondente: josegleyal@gmail.com

dos conceitos filosóficos por via do diálogo e do discurso. Nesse evento particular que sempre pode variar, a aula, os estudantes e o professor, que é o sujeito do discurso, realiza, com seus atos de fala, o exercício filosófico por natureza, o diálogo, cujas conseqüências de sentido pode passar a fazer parte dos saberes dos alunos.

Assim, o discurso passa a ser visto como a linguagem em ação, uma vez que tem o poder de evocar a natureza interativa da aula. Visto do ponto de vista retórico, o discurso permeia os dados contextuais de um ato de fala cumprido em determinada situação. E em tal situação, empresta-se relevância aos interlocutores do evento discursivo fazendo com que todos se envolvam e eclodam entendimento nivelado de saberes filosóficos.

Nesse âmbito, podemos dizer que o professor pode se subsidiar da arte retórica, na forma como foi concebida pelo filósofo Aristóteles, para se utilizar de ferramentas úteis dessa arte afim de aperfeiçoar o discurso proferido na sala de aula de Filosofia. É claro que o professor de filosofia deve estar ciente do seu poder de oratória e, mais ainda, do poder de argumentação imprescindível à sua fala. Para tanto, esta última necessariamente deve condizer com as características do seu público-alvo, os seus alunos, para que ao menos os saberes a serem transmitidos sejam garantidos. Com respeito a tais exigências, temos que:

Todo o movimento da argumentação consiste em transpor a adesão inicial que o auditório tem relativamente a uma opinião que lhe é comum para uma outra de que o orador o quer convencer. Daí a importância do *kairós* e do conhecimento que o orador deve possuir do seu auditório, das suas opiniões, das suas crenças, enfim de tudo aquilo que ele tem por admitido (Cunha, 2010).

Ou seja, o poder de convencimento do professor em tal ou qual conceito ou ideia filosófica pode ser muito bem compreendida caso ele conduza o discurso com argumentos válidos. E a retórica com suas técnicas persuasivas entraria aqui não apenas como subsídio principal para o professor orador dispor seus argumentos válidos, senão também como meio de inserção da cultura filosófica em sala de aula, no sentido de investigar paulatinamente, os processos racionais concebidos pelos pensadores da história da filosofia.

Mas, infelizmente, o que vemos nos dias de hoje e se bem que até na antiguidade, é uma visão da retórica no sentido vulgar da palavra e do discurso, isto é, como se esta fosse uma arte sofisticada, no sentido pejorativo do termo, que serviria aos interesses pura e exclusivamente daquele que apenas quer convencer sobre sua opinião independentemente da verdade a ser buscada. Colocamos neste trabalho uma visão positiva da arte retórica, estabelecida como um conjunto de técnicas que permitam um diálogo claro, honesto e proveitoso de ideias e argumentos com o objetivo de uma melhoria no discurso filosófico em sala de aula. Ou seja, façamos da retórica um método da filosofia, um caminho para que o professor de filosofia se aproxime dos seus estudantes sem se distanciar da própria Filosofia.

SOBRE RETÓRICA E DIALÉTICA

Nos tempos antigos, especificamente na Grécia Antiga, a Escola Sofística surge como nova forma de pensamento no processo de transição entre o *Mythos* e o *Logos*, ou seja, a nova maneira de pensar e interpretar o mundo pela sociedade grega deixava de ser explicada e justificada pela influência religiosa e passava desde então a dar espaço para a forma de ver os fenômenos da natureza e da ação humana a partir de um viés racional. Com essa nova visão de mundo, os gregos, em especial os sofistas, buscavam compreender as manifestações humanas sobre o ponto de partida da política e, para tanto, se utilizavam do discurso retórico como ponto de apoio para defesa de suas teses.

Com o processo de formação da educação do povo grego, muito conhecido com o termo *Paideia* e difundido bem antes da sofística nos tempos homéricos, a Escola Sofística tem sua importância no sentido de ser um movimento que surge de origens sociais também conhecidos como filósofos da experiência, uma vez que se lançavam na investigação dos fenômenos sociais e políticos nos momentos de crise da sociedade grega, à qual, como se sabe, pelo processo de educação/formação englobando várias áreas do conhecimento com base numa instrução formal e que priorizava, dentre outras, a retórica e a dialética. Dessa forma, além de serem considerados os iniciadores da revolução política na Antiga Grécia, os sofistas são responsáveis por levar para a educação daquele tempo uma preparação dos jovens na vida prática e política e, para tanto, seria necessário que na base do ensino se instaurasse a prática da boa argumentação e conseqüentemente da própria retórica.

Os sofistas aparecem como os primeiros educadores para a política através da retórica, aqui entendida como a arte de falar bem. Conforme preconiza o grande sofista Protágoras, o Estado seria a fonte da moral e da lei, onde o cidadão tem direito à opinião e, portanto, direito de falar na *Ágora*. Com isso, surge como consequência a persuasão (*Peithô*), que envolve as questões políticas e que tem por fundamento a arte retórica, à qual se tornará a técnica do discurso por excelência entre os sofistas.

A título de exemplo, temos o grande sofista Górgias, que em sua obra *Elogio de Helena* defende o discurso como remédio para o equilíbrio das emoções alheias:

O discurso é um grande e soberano senhor, o qual, com um corpo pequeníssimo e invisibilíssimo, divínissimas ações opera. É possível, pois, pelas palavras, tanto o medo acalmar e a dor afastar quanto a alegria engendrar e a compaixão intensificar (Dinucci, 2009).

Nesse trecho há, portanto, inerente ao ser humano a qualidade de persuadir os outros a sua volta. Assim, o discurso passa a ser louvado por algo que ele revela ao indivíduo. No entanto, o que ficou presente no discurso persuasivo dos sofistas foi o *Dissoi Logoi*, isto é, o discurso duplo, conflitantes entre si na medida em que seu objetivo não teria por finalidade a busca pela verdade, como farão o filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, senão a persuasão que envolve as questões políticas dos sofistas

que se ligavam ao comércio e a aristocracia para manutenção do *status quo*. Surge, portanto, a ideia de retórica como discurso duplo, que se perdura desde então, uma vez que seu objetivo principal é a persuasão por ela mesma.

A retórica está em evidência na atualidade, porque o discurso duplo está presente em todos os âmbitos políticos dos países do mundo. Em se tratando da filosofia no ensino médio, vemos que os professores de filosofia devem ter bastante cuidado para não se deixar levar por esse lado negativo da retórica, o *Díssoi Logoi*, pois uma vez subscritos no ambiente de sala de aula, onde muitos estudantes podem verificar certas nuances nos conteúdos transmitidos e mais ainda nos conceitos filosóficos apresentados, em meio a tudo isto, o docente pode cair no erro de se contrariar em seu discurso, sem nem mesmo perceber, sobrepondo a este último outro discurso contrário.

Isto nos faz lembrar também a crítica que Platão remonta aos sofistas quando ao defini-los como sendo refutadores demonstra a importância da compreensão dos aspectos negativos do homem, pois estão de certa forma enrijecidos na forma de vícios adquiridos em consequência de um desvio da verdade. Para se combater estes vícios é proposto a purificação da alma, isto é, será preciso, primeiramente, uma separação desses aspectos negativos dos positivos, para depois combater os males com os devidos “remédios” compatíveis à sua cura, esta última obtida através da educação. “Ora, ignorar é precisamente o fato de uma alma atirar-se a verdade, e neste próprio impulso para a razão, desviar-se...” (Platão, 1979). E “creio, pelo menos, distinguir uma forma especial de ignorância, tão grande e tão rebelde que equivale a todas as demais espécies (...) Nada saber e crer que se sabe...” (Platão, 1979).

Deste ponto de vista, não cairemos no erro de conectar a ideia de que a retórica dos sofistas se assemelha a retórica dos políticos atualmente disseminada nos ditos estados democráticos de direito, uma vez que todos se utilizam do discurso duplo.

Mas voltemos a examinar o aspecto da retórica em seu lado positivo, mais conhecida na teoria aristotélica como retórica dialética. Esta última defendida por Platão como aquele método de divisão, técnica da pesquisa associada que se efetua através do diálogo entre duas pessoas. A ciência que reconduz o homem a uma única ideia (Platão, 2000).

Já no que se refere a Aristóteles, a dialética se mostra como a lógica do provável, pois é um processo racional não demonstrativo. Provável porque é o que seria aceitável a todos. Não é à toa que o estagirita critica a retórica sofística pelo fato de terem dado ênfase na emoção em seus discursos e com isso terem deixado de lado os chamados entimemas, aquilo que se afirma como argumento principal no discurso.

Desse modo, para o estagirita, retórica e dialética são entendidas como duas disciplinas que têm algo em comum, pois as duas partem do verossímil. Assim, segundo Aristóteles:

A retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar (Aristóteles, 2005).

Porém, tanto a retórica quanto a dialética distinguem-se na forma como são empregadas, ou seja, a retórica preocupa-se com a persuasão e a dialética se preocupa em produzir conhecimentos gerais.

Desse modo, o principal objetivo da Retórica é o de obter uma comunicação mais eficaz para o Saber que é pressuposto como adquirido, ou seja, a arte de falar de modo a persuadir e a convencer diversos auditórios quando determinada opinião é preferível à sua outra oposta. Para Aristóteles, a retórica se baseia em critérios dialéticos, tornando-se a técnica de argumentação do verossímil, uma vez que as teses se colocam como discutível no seio dos debates públicos. Qualquer pessoa, pode apresentar contra-argumentos à tese do orador, que é forçado a apresentar novos argumentos a fim de mantê-la credível.

Da mesma maneira, os professores de filosofia em sala de aula também utilizam muito do discurso retórico da forma como colocado pelo estagirita, uma vez que a habilidade da argumentação é sempre necessária para explicar alguns questionamentos que os estudantes fazem em sala. Além disso, o professor que utiliza retórica precisa ser firme naquilo que defende, pois ele vai além da oratória. Pela maneira como constrói seu discurso, ele transforma seus alunos em aliados ou inimigos, argumentando e convencendo ou afastando-os, se não fizer bom uso da retórica.

ENTRE O LOGOS, O ETHOS E O PATHOS

Mas para que esse método se efetive é necessário o domínio do discurso pelo professor em sua aula de filosofia. Assim, para persuadir ele deve recorrer ao que Aristóteles denomina de provas técnicas, isto é, aquelas que podem ser preparadas pelo orador e que podem ser de três espécies, quais sejam, as que residem no carácter moral de quem profere o discurso (*ethos*); as que se manifestam no estado de disposição do público alvo (*pathos*); e as que estão no próprio discurso, pelo que este demonstra ou aparenta demonstrar (*logos*).

No caso do *ethos*, a persuasão do professor é obtida quando o discurso é proferido de maneira a deixar nos alunos a impressão de que o carácter do docente o torna digno de fé. No *pathos*, a persuasão se mantém na medida em que os estudantes são levados pelo discurso de modo a sentirem emoções. Já no *logos*, a persuasão se mostra pelo discurso à verdade.

Consideramos aqui o método mais utilizado pelo professor de filosofia aquele que se mantém a partir da prova técnica por meio do *logos*, embora sabemos que existem outras formas de convencer os

estudantes no que se refere à explicação de determinado assunto. Nesse caso, segundo Aristóteles, o método apropriado seria a argumentação retórica, porque é constituída de entimemas e exemplos.

Entimema é um argumento dedutivo que possibilita nos discursos públicos oferecer indícios para uma proposição por meio de premissas prováveis. Um entimema é igual a um argumento, pois também possui premissas e conclusão. Porém, difere de tipos alguns argumentos, por exemplo os dedutivos, pois são utilizados em ocasiões diferenciadas.

Ainda segundo Aristóteles, existem duas espécies de entimemas, quais sejam, os demonstrativos, que demonstram que algo é ou não é; e os refutativos, que refutam que algo seja ou não seja. Tanto num quanto noutro, a conclusão é obtida a partir de premissas com as quais quer o aluno quer o seu professor estão de acordo, mas o entimema refutativo conduz a conclusões com que o professor está em desacordo.

No que diz respeito ao exemplo, Aristóteles afirma ser semelhante à indução do particular para o particular e pode basear-se em factos passados ou em histórias inventadas pelo próprio orador. Neste caso, os exemplos podem ser parábolas ou fábulas. Vejamos as palavras do próprio estagirita:

Quando os dois termos são do mesmo género, mas um é mais conhecido do que o outro, então há um exemplo; como quando se afirma que Dionísio tenta a tirania porque pede uma guarda; pois também antes Pisístrato, ao intentá-la, pediu uma guarda e se converteu em tirano mal a conseguiu, e Teágenes fez o mesmo em Mégara; estes e outros que se conhecem, todos eles servem de exemplo para Dionísio, de quem ainda se não sabe se é essa a razão por que a pede (Aristóteles, 2005).

Ainda com relação aos entimemas e aos exemplos, Aristóteles fala das máximas que são afirmações gerais que podem ser aceites ou rejeitadas e que dizem respeito a ações. Porém, caso a máxima se junte a causa e o porquê, transforma-se num entimema. Assim, a máxima é uma espécie de entimema cortado, quer dizer, uma afirmação em que sua justificativa é omitida.

Desse modo, o *logos* aparece como forma ideal do discurso filosófico em sala de aula, mantido, é claro, a referência a boa argumentação do professor em meio às perguntas proferidas por seus estudantes.

Já com relação ao *ethos*, outro tipo de prova técnica referente ao carácter, a postura do professor influencia muitas vezes os alunos a aderirem à sua fala devido persuasão que influenciada pela imagem que faz do professor. Está incluso nesse *ethos* o modo como o professor lida com o próprio comportamento dos alunos, ao buscar ordenar as regras de conduta deles através dos atos de fala onde se atribui um imperativo. Por isso, aquele que fala persuade por meio do carácter moral, do *ethos*, quando é visto pelos seus ouvintes como alguém que inspira confiança. Para tanto, é necessário que o discurso, mesmo sem provas pelo *logos*, desperte nos alunos uma imagem do docente como pessoa prudente, virtuosa e benevolente. Tal imagem deve ser, para Aristóteles, a consequência do discurso e não de

aspectos anteriores e exteriores a esse discurso. E isso justifica o porquê do *ethos* ser uma prova técnica.

Ou seja:

Três são as causas que tornam persuasivos os oradores e a sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações. São elas a prudência, a virtude e a benevolência. Quando os oradores recorrem à mentira nas coisas que dizem ou sobre aquelas que dão conselhos, fazem-no por todas essas causas ou por algumas delas. Ou é por falta de prudência que emitem opiniões erradas ou então, embora dando uma opinião correta, não dizem o que pensam por maldade; ou sendo prudentes e honestos não são benevolentes; por isso, é admissível que embora sabendo eles o que é melhor, não o aconselhem. Além destas não há outra causa. Forçoso é, pois, que aquele que aparenta ter todas estas qualidades inspire confiança nos que o ouvem. (Aristóteles, 2005).

Enfim, no que se refere ao *pathos*, temos que a persuasão do professor frente aos alunos deve procurar suscitar nestes últimos sentimentos e emoções que os predisponham de forma favorável para a tese que se afirma. Nesses termos, conforme afirmamos anteriormente, embora se critique os sofistas no estudo da retórica por terem dado mais importância a esta prova e por terem desvirtuado o *logos*, que seria a prova retórica por excelência, Aristóteles reconhece a importância de emoções como a ira, a compaixão e o medo para a persuasão.

O discurso será emocional se, relativamente a uma ofensa, o estilo for o de um indivíduo encolerizado; se relativo a assuntos ímpios e vergonhosos, for o de um homem indignado e reverente; se sobre algo que deve ser louvado, o for de forma a suscitar admiração; com humildade, se sobre coisas que suscitam compaixão. E de forma semelhante nos restantes casos. O estilo apropriado torna o assunto convincente, pois, por paralogismo, o espírito do ouvinte é levado a pensar que aquele que está a falar diz a verdade. Com efeito, neste tipo de circunstâncias, os ouvintes estão em tal estado que pensam que as coisas são assim, mesmo que não sejam como o orador diz; e o ouvinte compartilha sempre as mesmas emoções que o orador, mesmo que ele não fale. É por esta razão que muitos impressionam os ouvintes com altos brados (Aristóteles, 2005).

Realmente, o que se percebe em sala de aula são os estudantes ouvintes se deixarem levar facilmente por discursos emotivos que se manifestam de forma esporádica da parte do docente quando, vez ou outra, se expõe no que diz respeito à sua afinidade e até afetividade explicitadas pelos pensadores de sua preferência.

Assim sendo, existe uma relação estreita entre o *logos*, o *ethos* e o *pathos*, uma vez que as emoções (*pathos*) que o discurso (*logos*) do professor suscita nos estudantes tem um papel importante na construção da imagem que este faz do carácter (*ethos*) do docente e, desse modo, da sua capacidade de persuasão e, o mais importante, na busca pela inserção da cultura filosófica em sala de aula.

CONCLUSÕES

O ponto chave que serviu de principal argumento para essa exposição sucinta foi a importância do professor de Filosofia saber lidar com as adversidades dos discursos proferidos em sua aula. Para tanto, considerou-se aqui que o poder de persuasão do professor se estabelecerá entre um discurso que pode estar carregado de razão (*logos*), emoção (*pathos*) ou caráter (*ethos*).

É no ambiente escolar que encontramos um referencial prático para a percepção de como estão sendo elaborados os discursos filosóficos dos indivíduos que criam um vínculo comum nas aulas deste componente curricular e até podemos dizer que o desenvolvimento do pensamento reflexivo nesse ambiente possibilita trazer à tona valores e princípios éticos inerentes à dignidade humana. Os educadores tomam para si o desafio de mediar o conflito inquestionável existente na sociedade contemporânea caracterizada pela impessoalidade e individualidade e que geram consequências negativas, como por exemplo a intolerância, em vários sentidos.

A importância do uso da retórica no Ensino de Filosofia nos remete a um questionamento que remonta não só a disciplina de Filosofia em si, uma vez que esta última sozinha não tem condições de resolver o problema dos atos de fala produzidos na escola; tal questionamento se refere a saber qual a amplitude e a profundidade dos discursos dos estudantes em sala de aula, isto é, será que frequentemente pode-se vivenciar a constância das reflexões filosóficas no ambiente escolar, especificamente na aula de filosofia? O que apenas foi apontado neste breve trabalho, foi que tais reflexões podem se estabelecer por meio do discurso filosófico do professor da disciplina e este, por sua vez, permeia as três dimensões da prova técnica, quais sejam a emoção, o caráter e a razão, sendo esta última a que mais se destaca na busca pela coerência da própria racionalidade. Afinal de contas, se pressupomos que o conteúdo filosófico está sempre “carregado” de razão, e com isto afirmamos aquilo que Heidegger dizia, “a Filosofia não é apenas algo racional, mas a própria guarda da *Ratio*” (Heidegger, 1956), então, chegaremos à conclusão de que o ato de filosofar é, por assim dizer, o ato de transmissão do conhecimento racional. Por causa disto, há que se buscar uma função específica para a filosofia na escola, “a de dar ferramentas aos jovens para adaptarem-se ao mundo de hoje, mas antes mostrar diversos recursos teóricos que possam ser utilizados para pensá-lo e eventualmente transformá-lo” (Cerletti, 2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles (1999). *A Política*. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 3(4): 141-251.
- Aristóteles (2005). *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa. 320p.

- Cerletti A (2009). *O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico*. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 101p.
- Cunha TC (2010). *A Nova Retórica de Perelman*. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal. 33p.
- Dinucci A (2009). *Apresentação e Tradução do Elogio de Helena de Górgias de Leontinos*. Rio de Janeiro: Ethica, 16(2): 201-212.
- Heidegger M (1956). *Que é isto – Filosofia?* Trad. Ernildo Stein. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cv000037.pdf>. Acesso em: 13/05/2020.
- Platão (2000). *Fedro ou Da Beleza*. Tradução e Notas Pinharanda Gomes. 6ª Ed. Lisboa: Guimarães Editores. 136p.
- Platão (1979). *O Sofista*. In: Diálogos. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 3(4): 135-204.

ÍNDICE REMISSIVO

A

aporia, 65
atuação docente, 7, 14, 15, 21
aula de Filosofia, 55

C

criança, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 19, 20, 21,
22, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51

D

dialética, 56
diálogo, 14, 48, 54, 55, 57, 63, 64, 66, 67, 71
discurso, 54

E

educação, 2, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17,
18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32,
33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 51, 63
ambiental, 25
de jovens e adultos, 25, 27, 33
infantil, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17,
18, 19, 20, 21, 22, 39, 40, 41, 42, 50
ensino, 8, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 25, 26,
27, 28, 31, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 44, 47, 48,
49, 54, 56, 57, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72
de Filosofia, 61
Fundamental e Médio, 28
transversal, 34
-aprendizagem, 12, 18, 19, 22, 40, 41, 47, 49
ethos, 54

F

formas simbólicas, 64

I

input, 68, 70
interdisciplinar, 27, 28, 30, 33, 35, 37
invisibilidade, 39

L

linguagem, 45, 46, 47, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 69,
70, 71, 72, 73
logos, 54, 56

M

maiêutica, 63
método, 13, 55, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 68, 69,
70, 72

O

output, 70

P

pathos, 54
persuasão, 56, 58, 59, 60, 61
pré-escola I, 7, 8, 14, 15, 21, 22

R

razão, 57, 59, 60, 61, 65, 66
retórica, 45, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

V

violência, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49

**id LUCAS RODRIGUES
OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul.

Contato:

lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.

ISBN 978-659912085-5



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br